

BULLYING CONTRA SURDOS: FENÔMENO PRODUTOR DE SENTIDOS

Telma Cristina Ribeiro Franco Freire

Professora na Faculdade de Ensino Superior do Piauí – FAESPI

Mestra em Educação – UFPI

RESUMO

Neste artigo serão expostas as análises sobre as informações produzidas com discentes envolvidas como sujeitos da pesquisa de mestrado sobre os sentidos produzidos pelo *bullying*, fenômeno histórico-cultural que vem manifestando-se de maneira alarmante nos últimos anos. A pesquisa foi realizada com base nos princípios da epistemologia qualitativa, dando ênfase para o caráter construtivo-interpretativo da pesquisa, fundamentado na Teoria da Subjetividade, de González Rey (2003, 2004, 2005, 2006, 2007). A apresentação da análise obedece a uma estrutura baseada na ordem dos objetivos da pesquisa com a intenção de facilitar a compreensão dos sentidos subjetivos produzidos pelos sujeitos da pesquisa, a partir das práticas de *bullying* sofridas e dos impactos causados por essas manifestações. O estudo possibilitou conferir alguns aportes teóricos e questionar outros: confirmar a validade da Teoria da Subjetividade, ratificar as formas de manifestação do fenômeno, sua frequente invisibilidade, os estudos surdos a respeito da identidade e cultura surda, além de reconhecer a relevância da língua de sinais para o desenvolvimento do sujeito surdo. Por outro lado, a pesquisadora levanta questionamentos procedentes sobre a estereotipia dos sujeitos envolvidos em práticas de *bullying*, assim como a respeito de aspectos significativos sobre as principais causas do fenômeno. Discursos não surtem mais efeitos positivos na estima dos sujeitos surdos. Eles necessitam e exigem uma educação verdadeiramente inclusiva, com a implantação eficaz de escolas bilíngues, metodologias envolvendo estratégias viso-espaciais, garantia do respeito e valorização de sua língua, identidade e cultura surdas, entre outras.

PALAVRAS-CHAVES: *Bullying*. Sentidos subjetivos. Surdez.

Sentidos subjetivos: resultado da singularidade

A dimensão da carga emocional depositada em cada situação ou experiência vivenciada pelo sujeito dependerá dos sentidos subjetivos produzidos por ele para cada ação, independente de sua extensão. O que para alguns pode parecer insignificante ou exagerado, para outros pode assumir uma magnitude difícil de compreender.

Guatarri (1996 *apud* GONZÁLEZ REY, 2003, p. 114) apresenta a singularização como um dos aspectos fundamentais para a constituição da subjetividade do sujeito. Afirma que é nesse processo que o indivíduo se torna criativo e é capaz de operar rupturas, tornando-se “agente intencional do desenvolvimento social”. Nessa perspectiva, é que o sujeito apresenta-se como singular, único e autônomo no processamento de suas experiências, atribuindo a elas os sentidos que produz a partir da emocionalidade que lhe despertam.

Reforçando o pensamento de Guatarri sobre a relevância da singularização, Castoriadis (1986 *apud* GONZÁLEZ REY, 2003, p. 116) acrescenta que:

O processo de singularização da subjetividade pode ganhar uma imensa importância, exatamente como um grande poeta, um grande músico ou um grande pintor, que, com suas visões singulares da escrita, da música ou da pintura, podem desencadear uma mutação dos sistemas coletivos de escuta e de visão.

Assim, a subjetividade configura-se como um elemento indispensável para a constituição e o conhecimento do sujeito. É impossível conhecer o sujeito pleno sem analisar de forma aprofundada a manifestação de sua subjetividade, tanto no âmbito individual como no social.

Lua – uma história singular

González Rey (2003) afirma que o sujeito representa a “singularização de uma história irrepitível”. Lua é uma garota de 17 anos, surda oralizada, inteligente, vivaz, com a autoestima preservada, apesar do constante assédio e do *bullying* que sofre na escola. É a única surda na família. Afirma ter nascido com limitações auditivas, devido a uma queda sofrida pela mãe, quando estava grávida.

Antes de Lua oralizar e a mãe aprender o básico da Libras, a comunicação era processada através de sinais domésticos criados por elas para poder atender às necessidades básicas de Lua.

Sempre estudei, transferei de Brasília, aí vim pra cá, nunca deixei a escola, não. Eu repeti o ano. A 1ª, a 2ª série repeti. Comecei a estudar com 10 anos (E. P.).

Eu acho que eu tinha 11 anos. Foi na fono, eu tinha muitas dúvidas. A minha voz era pior, doía. Eu dizia pra mamãe: “Tá doendo”. Aí eu ficava com dúvida, a dificuldade enorme, aí agora... O irmão me ajudava, mandava eu repetir. Quando tinha 12 anos comecei a falar, 13 anos começou a melhorar e, agora, saí da fono (E. P.).

Lua demonstra aceitação da sua condição de pessoa com surdez. Sempre que manifesta algum tipo de descontentamento, refere-se mais à forma como os Ouvintes posicionam-se a esse respeito do que como uma insatisfação pessoal.

Porque tudo o que falam eu não entendo. A mamãe fica mandando eu estudar as palavras lá na APAE. Na sala de aula é difícil para aprender porque quando as pessoas falam rápido é difícil entender (E. P.).

[...] sem intérprete? Não aprendo nada, nada (E. P.).

***Bullying*: sentidos produzidos por Lua**

A vivência de práticas de *bullying* produz sentidos subjetivos diversos que irão definir a postura do sujeito diante desse tipo de assédio. A subjetividade individual é que lhe permite assumir uma posição diferenciada diante das experiências que vivencia. Sempre será possível deparar-se com atitudes diversas em situações similares, haja vista que são sujeitos únicos, ativos e inteligentes, que irão agir e reagir de forma singular sobre os acontecimentos (GONZÁLEZ REY, 2003).

O *bullying* como empecilho às relações

Lua alega, repetidas vezes, não desejar contato com os Ouvintes devido ao tratamento desrespeitoso que lhe é dispensado por eles. São xingamentos, apelidos, palavrões que funcionam como elementos de afastamento e que impedem compulsoriamente uma aproximação e relação saudável entre eles.

[...] Os outros, não gosto, porque ficam chamando de feia, chamando de nomes feios, sapatão. Eu não gosto. Eu não quero nenhuma relação com eles. Eu não tenho nenhum problema, mas eu não quero. Só tenho alguns amigos e pronto. Não gosto de fazer trabalho em grupo, atividade com ouvinte, porque eles falam que eu sou feia, ficam falando de mim, eu não gosto. Ficam mandando eu fazer rápido e eu não entendo porque tem que ser rápido” (E.P).

Essas atitudes relatadas por Lua configuram-se como um assédio persistente (TEIXEIRA, 2011; BEANE, 2010), que pode provocar sequelas na constituição de relações harmoniosas e construtivas com os Ouvintes, impedindo que se construam laços com pessoas com outras identidades, diferentes da sua (identidade surda).

[...] porque atrapalha, brincadeira, confusão, Ouvinte não ajuda Surdo. Surdo é que ajuda Surdo. [...] (CONFLITO DE DIÁLOGO).

Nessas situações é que se percebe, claramente, a distância existente entre as duas comunidades (surda e ouvinte) devido, principalmente, às suas cultura e língua diferentes. Perlin (2005), Skliar (2005), Strobel (2009) entre outros pesquisadores sobre surdez, atestam ser muito complicada essa relação, visto que há uma barreira comunicacional que precisa ser transposta para que haja uma troca significativa entre as duas culturas.

Desrespeito à identidade surda

Uma das maiores dificuldades para Lua é a não aceitação dos Ouvintes no que diz respeito à sua identidade surda, pelo fato de ter resíduos de audição. Entretanto, sua oralização somente facilita, em algumas circunstâncias, não se caracterizando como um domínio total desse sentido.

[...] Dizem que não sou surda, porque falo e ouço um pouco (E. P.).

[...] Preciso chamar minha mãe pra eles entenderem que eu sou Surda, não entendo direito o que eles dizem (E. P.).

O desrespeito contínuo perpetrado pelos Ouvintes contra os discentes surdos gera sensações de desconforto que podem alcançar proporções alarmantes e ações desencadeadas contra os agressores, a sociedade ou contra si mesmo (COSTA, 2011; BEAUDOIN, 2006). Em outros casos, como foi registrado com Lua, a vítima dessas agressões posiciona-se de maneira totalmente adversa e, resiliente, transformando o sofrimento em força através da produção de novos sentidos subjetivos.

Essa situação afeta Lua porque, como defende González Rey (2003) existe uma relação de recursividade entre a subjetividade social e a subjetividade individual que não permite uma dissociação entre elas, interferindo diretamente na construção da subjetividade do sujeito. Em resposta a essas exigências Lua, apesar de se sentir discriminada ao ser desvalorizada sua condição de surdez e cultura, demonstra firmeza na utilização de sua língua natural (Libras) e exige que as pessoas ao seu redor, principalmente a família, respeitem sua identidade surda e se comuniquem com ela na forma que lhe é mais compreensível. Em relação à família, atesta que:

Minhas irmãs, meu primo, meu irmão estou ensinando. Mas a vovó não quer nem saber, é só falando, falando. A minha mãe, mais ou

menos. Três pessoas mais ou menos que querem, tem interesse. Fico tentando, tentando. Eu digo: Por favor, olhe pra mim quando estou fazendo a língua de sinais. Aí estão achando que eu estou brincando. A minha mãe ignora, eu digo: olhe pra mim, quando eu tiver falando língua de sinais, olhe pra mim (E. P.).

A limitação auditiva confere a alguns sujeitos uma identidade surda flutuante (PERLIN, 1998), que lhes dificulta uma vivência mais tranquila dessa limitação. Como agravante e, muitas vezes, causador desse estado cita-se a atitude dos Ouvintes ao desrespeitar a limitação auditiva e a fala diferente e carregada de “sotaque” do Surdo oralizado.

Outro fator que pode ser considerado como um complicador na vida e rotina do Surdo oralizado é que, pelo fato de não ouvir perfeitamente, é cercado de um cuidado, de uma proteção, na maioria das vezes, exagerados, impossibilitando-lhe viver experiências e sensações concedidas às outras pessoas. Lua relata que sempre tem conflitos com a mãe devido à diferença com que a trata e à sua irmã, mais nova, no que se refere à liberdade de sair de casa.

[...] minha irmã vai e eu sozinha dentro de casa, não posso, só sentada, sempre, sem fazer nada. Só pensando, sem fazer sinais nem nada. Eu gosto de ficar com os Surdos amigos. É longe, perigoso, é escuro, não tem luz. Mas é um direito meu: sair (E. P.).

Apesar do que atesta grande parte dos estudos realizados a respeito do *bullying* (FANTE, 2005; SILVA, 2010; TEIXEIRA, 2011) de que as “vítimas” do fenômeno sofrem graves sequelas que podem resultar em reações nefastas para si e para as outras pessoas, Lua manifesta conduta totalmente adversa do esperado, conforme sua singularidade e os sentidos que lhes foram despertados.

Sendo assim, esse mesmo desrespeito que cansa, aciona dispositivos de reações adversas que podem resultar em consequências satisfatórias de desempenho, como forma de superação das sequelas provocadas pelo assédio repetitivo.

A história de Sol – superação além das expectativas

Sol é uma adolescente de 14 anos, surda, bonita, inteligente, estudiosa. Mora em um bairro da periferia de Teresina, com o pai, a mãe, uma irmã e um irmão. Nasceu surda, após sua mãe ter contraído rubéola, aos dois meses e quinze dias de gestação.

Ela começou a aprender com 7 anos...e rápido. Ela nunca tinha visto Libras, em 1 mês, 2 meses, o básico ela já sabia se comunicar. [...] “A gente perdeu muito tempo” (o pai falou). É, porque, se ao invés de aos 7 anos eu tivesse colocado ela (APAE) lá com 4 anos... Até que eu não me arrependo não, porque ela aprendeu ligeiro, ela se comunica bem, ela é comunicativa (ENTREVISTA – MÃE).

A mãe faz uma retrospectiva da escolarização de Sol, afirmando que, no início, foi meio conturbada, marcada por frustrações pela falta de acessibilidade ao conhecimento, descaso das autoridades e instituições competentes, despreparo de professores, discriminação dos discentes ouvintes, entre outros empecilhos.

O que muito impressiona em Sol é a sua capacidade de decidir e agir de forma célere sobre os acontecimentos. Houve uma ocasião em que tomou uma atitude impressionante para sua idade. Aula de determinada disciplina, a professora entra na sala, senta, como fazia todas as vezes. Sol estabelece com uma colega surda uma conversa (em Libras) sobre a dificuldade de o Surdo aprender porque os professores não sabem Libras e a escola estar, atualmente, sem intérprete. Acompanhei toda a conversa. Percebi que Sol estava ficando, a cada minuto, mais indignada com o rumo da discussão e a postura da professora, que somente “dava aula” para os ouvintes. De repente, encerrou a discussão com a colega, convidou um ouvinte para traduzir o texto para os Surdos e pediu aos colegas surdos que prestassem atenção ao “intérprete”. A professora ficou apenas observando a cena. O Ouvinte “intérprete” solicitou minha colaboração, no sentido de ler o texto e explicar para ele palavras que não faziam parte de seu universo vocabular. Foi uma cena muito emocionante, pois demonstrou o nível de maturidade da aluna, sua sensibilidade e identificação com a identidade surda. A atitude assumida por Sol diante da situação que estava instalada confirma o que González Rey (2003) atesta sobre a versatilidade do sentido subjetivo, que transita entre momentos conscientes e inconscientes.

Esse comportamento advém da formação familiar de Sol, que lhe dá o suporte necessário para conviver saudavelmente com sua limitação e elaborar projetos de vida, plenamente reforçados e apoiados por sua família. Afirma querer formar-se em Matemática e Inglês, pois são as disciplinas com as quais mais se identifica. Fato constatado nas observações em sala de aula, devido sua total atenção nas aulas das citadas disciplinas. Além disso, Sol acalenta um sonho de ser modelo e desenhar figurinos. Sonho esse dificultado pelas barreiras impostas pela língua. Os pais tentaram

inscrevê-la em cursos para as duas modalidades anteriormente referidas, mas lhes foi negado o acesso por causa da surdez.

1. **Você quer se formar em que?** Matemática, adoro matemática e depois, outra formação que eu gosto é inglês, no futuro, vou estudar muito, porque quero me formar nesses dois (E. P. - SOL).

21. O trabalho modelo (C. F. - SOL).

Sentidos subjetivos de Sol em relação ao *bullying*

O *bullying*, enquanto dispositivo desencadeador de sentidos subjetivos os mais diversos, pode provocar reações e sentimentos diferenciados a depender dos sentidos imputados pelo sujeito.

***Bullying*: assédio que cansa**

Uma das principais queixas de Sol trata-se do cansaço que sente de estar sempre sendo assediada pelos Ouvintes. Ela atesta uma insatisfação constante em face do tratamento que é dispensado aos Surdos, sobretudo na escola, espaço que deveria ser privilegiado de vivência de relações interpessoais saudáveis e construtivas, assentadas em princípios e valores como amizade, solidariedade, respeito etc.

[...] fico calada, que sou calada, não ouço mesmo, os Ouvintes estão lá falando, estão lá conversando, fazendo provocações de que é feio, que é isso, é aquilo, que é magro, que é gordo, que Surdo tem olho trocado, tudo isso, fico prestando atenção. [...] mas eu sei que os Ouvintes são ruins, brigam, faltam com educação, ficam gritando, todo dia, todo dia isso acontece; chamo a diretora, ela fala, não dá resultado, chamo a coordenadora e aí a coordenadora não resolve, fica do mesmo jeito, e eu fico com raiva. Aí o Ouvinte vai lá chora, só com falsidade, o Ouvinte não respeita, ficam falando dos Surdos e eu não ouço mesmo, aí ninguém resolve nada (E. P.)

Em outras pesquisas (BEANE, 2010; BEAUDOIN, 2006; SILVA, 2010) são verificadas as mesmas críticas em relação à atuação dos adultos face ao enfrentamento que deveria ser engendrado contra atos manifestos e considerados como *bullying*. O mais provável e, realmente, confirmado nos depoimentos de professores e diretora da escola, é que as atitudes registradas de *bullying* seriam tão somente brincadeiras próprias da adolescência.

Não há conflitos entre as séries, eu não vejo. Entre eles, se entendem muito bem. Não tem essa “tu é surdo, eu escuto, tu é isso, aquilo outro”. Não, eu não sinto, como gestora, eu não sinto (ENTREVISTA – DIRETORA).

Como são crianças, se o Surdo erra, eles zombam, eles zombam. A gente pede pra parar, eles param (ENTREVISTA – PROFESSOR).

Questionada sobre seus sentimentos em relação ao *bullying*, Sol afirma que essa é uma situação muito difícil para o Surdo, que sofre repetidas investidas de maus-tratos não reconhecidas nem combatidas pelos adultos (FANTE, 2005; SILVA, 2010), os quais poderiam minimizar ou, até mesmo, erradicar essas ações comprovadamente violentas. O posicionamento de Sol confirma a teoria de González Rey (2003, p. 168), que assegura que a “emocionalidade” é imprescindível na constituição da subjetividade do sujeito, que somente expressará seus sentimentos e atribuirá sentidos às suas vivências, estando emocionalmente envolvido.

A constatação apresentada por ela confirma-se no relato que faz sobre situações de sala de aula em que o Surdo expõe-se e por não corresponder à expectativa do Ouvinte, é execrado publicamente, configurando ocorrências de manifestação declarada de *bullying*, como pode ser verificado no depoimento abaixo:

[...] Se vai responder no quadro e erra, ficam todos dizendo: “Uh, errou”. [...] Mas todo mundo pode errar. Mas se errar, os Ouvintes ficam só dizendo: “Coisa feia, é errado”. Ficam toda hora atentando: “Ih, perdeu, perdeu”. Ficam fofocando um com o outro, parece que ficam chamando a gente de burra, de boba. Ah, eu acho isso feio demais. Eu fico sentida [...] (E. P.).

Sol indigna-se, especialmente, pela repetição praticamente diária dessas atitudes, que lhe provocam e aos outros Surdos, de acordo com seu testemunho, um cansaço irritante que é combatido com o afastamento do espaço e das pessoas que adotam essas atitudes.

Fico sem conversar com os Ouvintes, porque acho ruim. Quando cheguei ao colégio, todo mundo falava comigo, mas agora todos querem brigar. Então, fico calada, sem falar com ninguém. [...] Todos querem brigar [...], querendo bater. Se eles brigarem, eu também brigo. Eu não gosto (C. D.).

É o que confirma pesquisa já referida (CEATS/FIA, 2010) que constatou em relação à reação das vítimas de *bullying* que, comumente, os meninos apresentam

comportamentos mais condescendentes: “levam na brincadeira, acham engraçado, ou não dão importância aos maus tratos sofridos” enquanto que as meninas, frequentemente, denotam atitudes de insatisfação, manifestando chateação, mágoa e/ou tristeza. Evidentemente, que esses comportamentos não são estanques, pré-determinados. Algumas meninas podem apresentar reações e atitudes diferenciadas diante de situações similares. Sol, a despeito de em algumas situações repetir atitudes previsíveis, em outras comporta-se de maneira totalmente contrária ao que se tem instituído como atitude padrão das vítimas desse tipo de fenômeno.

O *bullying* como negação do outro

Um aspecto bastante enfatizado por Sol refere-se à negação denotada no comportamento dos Ouvintes, tanto professores como alunos, em relação ao sujeito surdo. Sol resume, assim, o que Soares (2005) expôs sobre o preconceito que resulta em uma invisibilidade gerada pelo estigma imputado ao outro que é anulado, esmagado e transformado em uma caricatura.

Sol assegura haver uma manifesta ignorância da presença e identidade do sujeito surdo em sala de aula, instaurando uma sensação de nulidade, o que afeta de forma visceral sua autoestima.

[...] Os Ouvintes não respeitam, eles ignoram o Surdo [...] (E. P.).
Eles não respeitam, ficam toda hora conversando, não olham pra mim
[...] (E. P.).

Esse descaso é sentido, inclusive, na postura de grande parte dos professores que, por não saberem comunicar-se em Libras, terminam por isolar os Surdos, em sala de aula, ministrando suas aulas somente para os Ouvintes. Essa atitude demonstra, de forma silenciosa, o preconceito e a displicência com que o sujeito surdo é tratado na escola e se caracteriza como uma espécie de violência simbólica. Chauí (1999) confirma essa atitude como caracterização de uma violência que se contradiz a ética, sendo que controverte sujeitos sensíveis, “dotados de linguagem e de liberdade”, transformando-os em objetos inanimados, imóveis, sem sentimentos, apáticos e silenciosos.

Primeiro, o professor fica só falando, falando, falando. Segundo, ele escreve e bota pra responder. Muitos Surdos ficam só conversando. Fica só na escrita, não existe relação boa [...] (E. P.).

Considerações finais

Vários fatores sociais e familiares foram identificados na produção dos sentidos subjetivos pelas alunas surdas, sujeitos da pesquisa, entre outros, o tipo de relação vivenciada com a família, o preconceito sofrido no uso da língua, a ausência de condições especiais e necessárias para a aprendizagem, a discriminação pelos pares e professores, a negação da identidade.

A existência do fenômeno, questionada por uns, negada por outros, foi comprovada com a pesquisa através da observação de práticas de *bullying* manifestadas em sala de aula e expressão dos sentidos subjetivos produzidos pelas alunas surdas, sujeitos da pesquisa.

Sol e Lua demonstraram comportamentos diferenciados no que tange à produção dos sentidos, com base nas práticas e impactos sofridos pela manifestação do fenômeno, confirmando como atesta a Teoria da Subjetividade, que os sentidos são produzidos de forma singular no sujeito, conforme seja seu envolvimento emocional com o fenômeno.

Pôde-se constatar que do papel de “vítima”, os sujeitos transformaram-se em protagonistas, ao demudarem suas angústias perante os maus-tratos e provocações sofridos em dispositivos para construir possibilidades efetivas de felicidade e alcance de seus objetivos diante da vida. Reforça-se, ainda, que não se pode desconsiderar o impacto causado pelo fenômeno na vida de Sol e Lua, mas é preciso enfatizar suas reações e atitudes positivas, que lhes conferem resultados salutares e promissores em seus intentos.

Apesar da singularidade marcada nos sentidos produzidos por Sol e Lua, frente às diversas práticas de *bullying* sofridas, verificou-se similaridades e diferenças na produção dos sentidos subjetivos sobre o fenômeno. Quanto às similaridades podemos elencar sentimentos de raiva, dor e angústia manifestados de acordo com a reação aos impactos sofridos pela prática constante de *bullying* manifestada por seus pares ouvintes. Em relação às diferenças cabe citar que para Sol, em determinados momentos, o *bullying* era visto como um dispositivo para atitudes resilientes quanto às suas práticas e impactos, enquanto que para Lua, o fenômeno representava, muitas vezes, uma baixa em sua autoestima afetando consideravelmente sua atitude frente ao estudo e sua relação com a família.

Foram verificadas manifestações reiteradas de *bullying*, especialmente no que se refere à violência simbólica, o que agrava ainda mais os efeitos produzidos nos sujeitos,

haja vista que a difícil detecção do fenômeno resulta em sua negação dificultando, assim, uma efetiva possibilidade de enfrentamento. As discentes queixaram-se, várias vezes, do descaso em relação às suas “denúncias”, o que as fazia se sentir desacreditadas e desvalorizadas.

O estudo comprovou a prevalência do oralismo na educação do Surdo, perpetuando uma prática que nega e desrespeita a língua, a identidade e a cultura surda. Esse comportamento é perceptível, principalmente, em algumas famílias, que não se dispõem a aprender e fazer uso da Libras (atitude que comprova o preconceito e desvalorização da língua) e nas terapias fonoaudiológicas, que adotam métodos basicamente oralistas.

Somente uma mudança na visão de surdez e de sujeito surdo poderá influenciar uma nova postura no contato com as diferenças culturais e linguísticas entre Surdos e Ouvintes. Enquanto não se opera uma transformação estrutural na sociedade, conquistam-se alterações pontuais e localizadas que colaborarão para a mudança na totalidade. Conquistas específicas poderão gerar vitórias no âmbito mais geral das lutas e reivindicações dos sujeitos surdos em relação às suas necessidades especiais para o desenvolvimento pleno de sua identidade, com base na valorização linguística e cultural da comunidade surda.

REFERÊNCIAS

BEANE, A. L. **Proteja seu filho do bullying**. Trad. Débora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

BEAUDOIN, M.-N.; TAYLOR, M. **Bullying e Desrespeito**: Como acabar com essa cultura na escola. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CHAUÍ, M. Uma ideologia perversa. Folha de S. Paulo, **Caderno Mais**, 14 mar. 1999.

COSTA, I. F. da. Bullying – prática diabólica – direito e educação. REVISTA DE ESTUDOS JURÍDICOS, UNESP, VOL. 15, Nº 21 (2011)
<<http://seer.franca.unesp.br/index.php/estudosjuridicosunesp/article/view/346>>

FANTE, C. A. Z. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. Tradução: Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural (Raquel Souza Lobo Guzzo, trad.). São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

_____. **O social na psicologia e a psicologia social**: a emergência do sujeito. Petrópolis: RJ: Vozes, 2004.

_____. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: TACCA, M. C. V. R. **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas: SP, Editora Alínea, 2006, p. 28-44.

_____. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo, SP: Thomson, 2007.

PERLIN, G. T. T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.) **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

_____. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos.(org.) **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. 3ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, p. 51-72.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005, p. 7-32.

SOARES, M. A. L. **A educação do Surdo no Brasil**. 2. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

TEIXEIRA, G. **Manual antibullying**: para alunos, pais e professores. Rio de Janeiro: Best Seller, 2011.